a geometria das ausências

havia o péssimo hábito de encontrar portas
onde haviam deixado apenas paredes
e depois se perguntar por que doía tanto se enganar.

(a)gosto é o mês dos começos.
só não sabia do que
e por isso inventava
mas até as coisas inventadas precisam de algum lugar para existir

e nessa alucinação infinita
teve a ideia de oferecer o universo,
e obteve a imensidão do espaço vazio como resposta
(ou quase isso)
não era pouco: o vazio também ocupa espaço,
embora ninguém o convide para ficar.

e assim surge a arte,
lugares semelhantes,
lados adjacentes,
teatro da vida,
perguntas feitas com riso demais
e a esperança falando com a voz de pessoa

e estudiosos da loucura receitam
transformar a queda livre em movimento,
mas não ensinam o que fazer com o nulo, nada
ou o que não se transforma em nada
ou que nunca foi nada.

mensurável é o peso da ausência,
no caso de si próprio
ainda não tinha se conhecido denovo
e chegou a conclusão de que nunca o tinha feito

ser parte, não apenas arte.
de sair do palco
e continuar encenando as falas da plateia.

e duas trajetórias podem se cruzar sem compartilhar o mesmo destino;
a distância pode tender a zero
sem nunca desaparecer.

e então passou.
depois, o verão.
e a vida, que não tem compromisso com a continuidade das metáforas.
mas sim na permanência de suas ausências.

o mais terrível é que amanhã haverá sol.
milhares de quilômetros mas visível

e ainda não sabe se isso é uma ofensa ou uma possibilidade de permanecer iluminada por seu brilho radial.